



***Ordo virtutum* de Hildegard de Bingen: tradução e notas**

‘Ordo Virtutum’ by Hildegard of Bingen: Translation and Notes

Débora Duarte Costa

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, Paraná, / Brasil

deboraduartecosta@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-0609-0786>

Resumo: Este trabalho apresenta uma tradução inédita no Brasil do drama de música sacra *Ordo Virtutum*, bem como breve resumo da vida de sua autora, Hildegard de Bingen, monja beneditina nascida no final do século XI e figura de destaque no século XII. Algumas explicações referentes à tradução introduzem ainda o texto.

Palavras-chave: Hildegard de Bingen; *Ordo Virtutum*; tradução.

Abstract: This paper presents an unpublished translation in Brazil of the sacred music drama *Ordo Virtutum*, as well as short biographic notes on its author, Hildegard of Bingen, a Benedictine abbess born in the late 11th century and a prominent figure in the 12th century. A few notes concerning the translation are offered in the Introduction.

Keywords: Hildegard of Bingen; *Ordo Virtutum*; translation.

1 Introdução

Hildegard de Bingen nasceu no ano de 1098, em Bermersheim, no vale do rio Reno, Alemanha, foi a última de dez filhos do casal Hildebert e Mathilde, da nobreza local. Aos oito anos de idade foi confiada a uma jovem de família nobre, Jutta, filha do conde de Spanheim, para que fosse educada – prática muito comum na época. Jutta era reclusa do mosteiro de Disibodenberg, perto de Alzey, um mosteiro dúplice, isto é, com monges e monjas, fundado três ou quatro séculos antes por um dos monges irlandeses que, seguindo são Columbano, deixaram a ilha

para cristianizar a Europa, espalhando por ela suas várias fundações (PERNOUD, 1996, p. 42).

Jutta ensinara a sua pequena discípula os salmos e a tocar o decacordo, instrumento para acompanhar o canto. Toda a formação da época começava pelo canto dos salmos. Ainda que tenha aprendido o texto do saltério, do Evangelho e principais livros do Antigo e Novo Testamento, a própria Hildegard declarará, mais tarde, que não aprendera a interpretação das palavras, divisão das sílabas, ou o estudo de caso e tempos (PERNOUD, 1996, p. 14). O que nos mostra uma educação centrada mais no reconhecimento e memorização dos textos sagrados, não na sua interpretação.

Por volta dos quatorze ou quinze anos, Hildegard decide tomar o hábito de monja, entrando, assim, para a vida religiosa junto às poucas monjas do mosteiro de Disibodenberg. Sua vida religiosa passa por grandes mudanças com a morte de Jutta, em 1136, quando as religiosas, já em maior número, decidem eleger Hildegard como abadessa do mosteiro.

Hildegard sempre possuiu uma saúde frágil, o que, todavia, não a impediu de um comprometimento profundo com a renovação adequada da vida religiosa à qual pertencia. Tendo por fundamento espiritual a regra de São Bento, que indica o equilíbrio espiritual e a moderação ascética, fundou por volta de 1150 um mosteiro na colina de Rupertsberg, nas proximidades de Bingen (atual Alemanha), já que pela sua reputação, o número de monjas havia crescido significativamente. Em 1165 instituiu outro mosteiro em Eibingen, na margem oposta do Reno, tornando-se abadessa de ambos.

Hildegard foi realmente uma figura excepcional de seu tempo. Desempenhou um papel de destaque tanto dentro dos muros claustrais, preocupando-se com a vida espiritual de suas irmãs, com a vida comunitária, a cultura e a liturgia, quanto fora deles através de escritos e pregações que contribuíram significativamente para a melhoria da disciplina e vida do clero. Seus escritos abrangem o relato de suas visões místicas, escritos de ciência natural, obras musicais para a liturgia e poemas religiosos. Atingida por uma doença, morreu em 1179 no mosteiro de Rupertsberg, já em odor de santidade. Foi, no entanto,

elevada oficialmente aos altares, em maio de 2012, pelo então papa Bento XVI. Em 07 de outubro de 2012 foi proclamada Doutora da Igreja, a quarta a ser reconhecida, título concedido a fiéis que se distinguiram pela santidade de vida, ortodoxia doutrinal e sabedoria.

Considerando a importância que Hildegard teve em seu tempo e todo seu legado cultural, este trabalho tem por objetivo apresentar uma tradução inédita para a língua portuguesa de uma de suas obras, o drama de música sacra *Ordo Virtutum*, a fim de que a obra poética da abadessa renana possa ser mais conhecida e valorizada.

2 *Ordo Virtutum*

O drama de música sacra *Ordo Virtutum* possui um lugar singular na história da literatura ocidental: trata-se, segundo Dronke (1994, p. 147), do primeiro deste gênero que foi conservado integralmente e do qual não se tem qualquer dúvida sobre sua autoria. Uma versão do drama aparece na obra *Scivias* (a primeira de três obras em que Hildegard relata suas visões), na última visão do terceiro livro que a compõe, outra característica que marca a singularidade do drama em questão, já que não se trata apenas de uma composição original de Hildegard de Bingen, fruto de sua maestria musical e literária, mas de uma obra que tem sua fonte numa inspiração divina, isto é, fruto de uma revelação vista e ouvida pela monja beneditina e transcrita como parte integrante de sua missão profética.

Outra versão da peça, mais extensa do que a apresentada no *Scivias*, encontrada no manuscrito de Riesenkode, parece ter sido composta para uma situação concreta e de grande importância na vida de Hildegard, a inauguração do mosteiro de Rupertsberg fundado pela monja, inserindo, assim, o drama num contexto litúrgico. No entanto, não podemos afirmar com plena certeza qual a circunstância de apresentação da obra, já que existem diferentes hipóteses defendidas pelos estudiosos da autora. Há inclusive uma discussão quanto a qual versão do drama teria sido composta primeiro: a versão mais reduzida encontrada no *Scivias*, ou a versão mais extensa. O que parece estar fora de questão é que *Ordo Virtutum* foi representado em Rupertsberg pelas próprias

monjas da comunidade da abadessa, já que o número das personagens implicadas na obra coincide com o número de monjas que fundaram o mosteiro. Acredita-se ainda que a redação da versão mais extensa ocorreu por volta do mesmo ano de conclusão da redação do *Scivias*, 1150-1152 (BINGEN, 1999, p. 25-29).

O argumento de *Ordo Virtutum* concentra-se numa alegoria da condição humana, ferida pelo pecado, em sua peregrinação rumo à Jerusalém Celeste. A alma que se desvia do caminho da salvação recorre às Virtudes que se colocam a combater o Diabo compreendido como a concentração de todos os vícios mundanos. Neste drama sacro vemos uma grande síntese do percurso criado por Hildegard de Bingen no livro *Scivias*: o itinerário da alma em *Ordo Virtutum* é semelhante ao itinerário de todo gênero humano que, após a queda original, alcança a salvação em Cristo, de quem brotam todas as Virtudes pelas quais a alma peregrina poderá chegar à sua definitiva pátria, a Jerusalém Celeste.

Os dois manuscritos que contêm o *Ordo Virtutum* não apresentam nenhuma indicação de estruturação externa do drama. Optamos neste trabalho por seguir a divisão realizada por Peter Dronke (1994), que se baseou na articulação dramática da peça. Dessa forma, o drama sacro se estrutura com um prólogo, quatro cenas e um pequeno epílogo.

O texto latino não segue nenhum sistema de versificação habitual na Idade Média – a métrica quantitativa e o verso rítmico. Essa característica do texto levou, inclusive, vários estudiosos a considerar a produção lírica de Hildegard como poesia em prosa (BINGEN, 1999, p. 50), o que implica num juízo depreciativo quanto à qualidade de suas produções. Mas ao olharmos as composições hildegardianas vemos que possuem forte acento no conteúdo expresso: trata-se, de poesia inspirada, em que a poeticidade do texto se apresenta pela escolha vocabular, pelas relações intertextuais construídas e pelas regras da composição para o Ofício Divino.

De modo geral, a linguagem musical de Hildegard é caracterizada pela construção a partir de células melódicas que se associam ao conteúdo do texto. Isso porque a obra musical da abadessa está situada entre as formas melódicas da tradição gregoriana, gestadas e desenvolvidas

para a prática da vida contemplativa e incorporadas formalmente no Ocidente a partir do século VI com a sistematização feita por São Gregório Magno. Com o passar do tempo, assim como é possível o reconhecimento de estruturas e formas poéticas estáveis é também possível reconhecer o desenvolvimento criativo das formas gregorianas, através de transformações e assimilações ligadas muitas vezes a novas fundações de comunidades e reformas, como a de São Bento de Aniane, acontecida imediatamente após o tempo de Carlos Magno, e o interessante contraste entre a fundação de Cluny (910 d.C.) e a reforma de Cister (1098), no tempo de Hildegard. Assim como transformações vinculadas a tradições vernáculas, como a primeira liturgia celta-cristã, na Irlanda (FUENTES; ORTÚZAR, 2003, p. 146). Tudo isso somado ao grande potencial poético-musical de Hildegard entram em jogo para que suas composições ganhem um caráter singular na história da música sacra.

Dois características musicais específicas marcam *Ordo Virtutum*: 1) a alternância entre partes solistas e corais (sempre monofônicas) e 2) a distinção de melodias silábicas e melismáticas (passagens com mais de uma nota por sílaba). Há partes mais narrativas, simples ou silábicas, mais líricas ou ornamentadas, mas fundamentalmente, prevalece na peça o estilo declamatório ou silábico talvez pela dependência do aspecto dramático em comparação com a música composta para o ciclo litúrgico sem intenções dramáticas. Podem-se verificar certas excentricidades musicais ao olharmos para a linguagem poética do drama: algumas justaposições de *modi* sem relações entre si, saltos melódicos surpreendentes, interrupções de passagens declamadas por melismas ricamente ornamentados e vice-versa etc (BINGEN, 1999, p. 54).

A tradução que aqui se apresenta não é musicada, nem segue algum tipo de esquema métrico rígido; foi pensada como um texto em prosa que respeitasse a simplicidade da sintaxe e do registro simples, próprios do original, mas que em alguns momentos optasse pelo uso de um vocabulário mais elevado, o que não nos parece provocar ruídos, já que como texto litúrgico, isto é, usado em rituais sacros, formais, comporta, tradicionalmente, o uso de um registro mais elevado e não prejudica a fluidez do texto.

3 Texto em latim¹

ORDO VIRTUTUM

Patriarchae et Prophetae

Qui sunt hi, qui ut nubes?

Virtutes

O antiqui sancti, quid admiramini in nobis? Verbum Dei clarescit in forma hominis, et ideo fulgemus cum illo, aedificantes membra sui pulchri corporis.

Patriarchae et Prophetae

Nos sumus radices et vos rami, fructus viventis oculi, et nos umbra in illo fuimus.

Querela Animarum in carne positarum

O nos peregrinae sumus. Quid fecimus, ad peccata deviantes? Filiae Regis esse debuimus, sed in umbram peccatorum cecidimus. O vivens sol, porta nos in humeris tuis in iustissimam haereditatem quam in Adam perdidimus! O Rex regum, in tuo proelio pugnamus.

Felix Anima

O dulcis Divinitas et o suavis vita, in qua perferam vestem praeclaram, illud accipiens, quod perdi in prima apparitione, ad te suspiro et omnes virtutes invoco.

Virtutes

O felix anima et o dulcis creatura Dei, quae aedificata es in profunda altitudine sapientiae Dei, multum amas.

Felix Anima

O libenter veniam ad vos, ut praebeatis mihi osculum cordis.

¹ Texto latino retirado da edição: Bingen (1969). Mantivemos a mesma pontuação e o uso de maiúsculas e minúsculas presentes na edição.

Virtutes

Nos debemus militare tecum, o filia Regis.

Sed, gravata, Anima conqueritur

O gravis labor et o durum pondus, quod habeo in veste huius vitae, quia nimis grave mihi est contra carnem pugnare.

Virtutes ad Animam illam

O anima, voluntate Dei constituta, et o felix instrumentum, quare tam debilis es contra hoc, quod Deus contrivit in virginea natura? Tu debes in nobis superare Diabolum.

Anima illa

Succurrite mihi adiuvando, ut possim stare.

Scientia Dei ad Animam illam

Vide quid illud sit, quo es induta, filia salvationis, et esto stabilis et numquam cades.

Infelix, Anima

O nescio quid faciam aut ubi fugiam. O vae mihi, non possum perficere hoc, quod sum induta. Certe illud volo abicere.

Virtutes

O infelix conscientia, o misera anima, quare abscondis faciem tuam coram Creatore tuo?

Scientia Dei

Tu nescis nec vides nec sapis illum qui te constituit.

Anima illa

Deus creavit mundum, non facio illi iniuriam, sed volo uti illo.

Streptus Diaboli ad Animam illam

Fatue! fatue! quid prodest tibi laborare? Respice mundum, et amplectetur te magno honore.

Virtutes

O plangens vox est haec maximi doloris. Ach! ach! quaedam mirabilis victoria in mirabili desiderio Dei surrexit, in qua delectatio carnis se latenter abscondit. Heu! heu! ubi voluntas crimina nescivit, et ubi desiderium hominis lasciviam fugit. Luge, luge ergo in his, innocentia, quae in pudore bono integritatem non amisisti, et quae avaritiam gutturis antiqui serpentis ibi non devorasti.

Diabolus

Quae est haec potestas, quod nullus sit praeter Deum? Ego autem dico: Qui voluerit me et voluntatem meam sequi, dabo illi omnia. Tu vero tuis sequacibus nihil habes, quod dare possis, quia etiam vos omnes nescitis quid sitis.

Humilitas

Ego cum meis sodalibus bene scio, quod tu es ille antiquus draco, qui super summum volare voluisti, sed ipse Deus in abyssum proiecit te.

Virtutes

Nos autem omnes in excelsis habitamus.

Humilitas

Ego humilitas, regina virtutum, dico: Venite ad me, virtutes, et enutriam vos ad requirendam perditam drachmam et ad coronandum in perseverantia felicem.

Virtutes

O gloriosa regina et o suavissima mediatrix, libenter venimus.

Humilitas

Ideo, dilectissimae filiae, teneo vos in regali thalamo.

Caritas

Ego caritas, flos amabilis, venite ad me, virtutes, et perducam vos in candidam lucem floris virgae.

Virtutes

O dilectissime flos, ardenti desiderio currimus ad te.

Timor Dei

Ego timor Dei, vos felicissimas filias preparo, ut inspiciatis in Deum vivum et non pereatis.

Virtutes

O timor, valde utilis es nobis, habemus enim perfectum studium numquam a te separari.

Diabolus

Euge! euge! quis est tantus timor? Et quis est tantus amor? Ubi est pugnator et ubi est remunerator? Vos nescitis quid colitis.

Virtutes

Tu autem exterritus es per summum iudicem, quia inflatus superbia mersus es in gehennam.

Obedientia

Ego lucida obedientia, venite ad me, pulcherrimae filiae, et reducam vos ad patriam et ad osculum Regis.

Virtutes

O dulcissima vocatrix, nos decet in magno studio pervenire ad te.

Fides

Ego fides, speculum vitae, venerabiles filiae, venite ad me, et ostendo vobis fontem salientem.

Virtutes

O serena, speculata, habemus fiduciam pervenire ad verum fontem per te.

Spes

Ego sum dulcis conspectrix viventis oculi, quam fallax torpor non decipit. Unde vos, o tenebrae, non potestis me obnubilare.

Virtutes

O vivens vita et o suavis consolatrix, tu mortifera mortis vincis, et vidente oculo clausuram caeli aperis.

Castitas

O virginitas, in regali thalamo stas. O quam dulciter ardes in amplexibus Regis, cum te sol perfulget, ita quod nobilis flos tuus numquam cadet. O virgo nobilis, te numquam inveniet umbra in cadente flore.

Virtutes

Flos campi cadit vento, pluvia spargit eum. O virginitas, tu permanes in symphoniis supernorum civium. Unde es suavis flos, qui numquam aresces.

Innocentia

Fugite, oves, spurcicias Diaboli.

Virtutes

Has te succurrente fugiemus.

Contemptus Mundi

Ego, contemptus mundi, sum candor vitae. O misera terrae peregrinatio in multis laboribus, te dimitto. O virtutes, venite ad me, et ascendamus ad fontem vitae.

Virtutes

O gloriosa domina, tu semper habes certamina Christi. O magna virtus, quae mundum conculcas, unde etiam victoriose in caelo habitas.

Amor Caelestis

Ego aurea porta, in caelo fixa sum, qui per me transit, numquam amaram petulantiam in mente sua gustabit.

Virtutes

O filia Regis, tu semper es in amplexibus, quos mundus fugit. O quam suavis est tua dilectio in summo Deo.

Disciplina

Ego sum amatrix simplicium morum, qui turpia opera nesciunt, sed semper in Regem regum aspicio, et amplector eum in honore altissimo.

Virtutes

O tu angelica socia, tu es valde ornata in regalibus nuptiis.

Verecundia

Ego obtenebro et fugo atque conculco omnes spurcias Diaboli.

Virtutes

Tu es in aedificatione caelestis Jerusalem, florens in candidis liliis.

Misericordia

O quam amara est illa duritia, quae non cedit in mentibus, misericorditer dolori succurrens! Ego autem omnibus dolentibus manum porrigere volo.

Virtutes

O laudabilis mater peregrinorum, tu semper erigis illos atque ungis pauperes et debiles.

Victoria

Ego Victoria, velox et fortis pugnatrix sum, in lapide pugno, serpentem antiquum conculco.

Virtutes

O dulcissima bellatrix, in torrente fonte, qui absorbit lupum rapacem. O gloriosa coronata, nos libenter militamus tecum contra illusorem hunc.

Discretio

Ego discretio sum, lux et dispensatrix omnium creaturarum in differentia Dei, quam Adam a se fugavit per lasciviam morum.

Virtutes

O pulcherrima mater, quam dulcis et quam suavis es, quia nemo confunditur in te.

Pacientia

Ego sum columna, quae molliri non potest, quia fundamentum meum in Deo est.

Virtutes

O firma, quae stas in caverna petrae, et o gloriosa bellatrix, quae suffers omnia.

Humilitas

O filiae Israel, sub arbore suscitavit vos Deus. Unde in hoc tempore recordamini plantationis suae. Gaudete ergo, filiae Sion!

Virtutes

Heu! heu! nos virtutes plangamus et lugeamus, quia ovis Domini fugit vitam.

Querela Animae paenitentis et virtutes invocantis

O vos regales virtutes, quam speciosae et quam fulgentes estis in summo sole, et quam dulcis est vestra mansio, et ideo o vae mihi, quia a vobis fugi.

Virtutes

O fugitive, veni, veni ad nos, et Deus suscipiet te.

Anima illa

Ach! ach! fervens dulcedo absorbit me in peccatis, et ideo non ausa sum intrare.

Virtutes

Noli timere, nec fugere, quia Pastor bonus quaerit in te perditam ovem suam.

Anima illa

Nunc est mihi necesse, ut suscipiatis me, quoniam in vulneribus feteo, quibus antiquus serpens me contaminavit.

Virtutes

Curre ad nos, et sequere vestigia illa, in quibus numquam cades in societate nostra, et Deus curabit te.

Paenitens anima ad virtutes

Ego peccator, qui fugi vitam, plenus ulceribus veniam ad vos, ut prebeatis mihi scutum redemptionis. O tu omnis milicia reginae, et o vos, candida lilia ipsius cum rosea purpura, inclinate vos ad me, quia peregrina a vobis exulavi, et adiuvate me, ut in sanguine Filii Dei possim surgere.

Virtutes

O anima fugitiva, esto robusta et indue te arma lucis.

Anima illa

Et o vera medicina, humilitas, praebe mihi auxilium, quia superbia in multis vitiis fregit me, multas cicatrices mihi imponens, nunc fugio ad te, et ideo suscipe me.

Humilitas

O omnes virtutes, suscipite lugentem peccatorem in suis cicatricibus propter vulnera Christi, et perducite eum ad me.

Virtutes

Volumus te reducere et nolumus te deserere, et omnis caelestis milicia gaudet super te. Ergo decet nos in symphonia sonare.

Humilitas

O misera filia, volo te amplecti, quia magnus medicus dura et amara propter te passus est.

Virtutes

O vivens fons, quam magna est suavitas tua, qui faciem istorum in te non amisisti, sed acute praevidisti, quomodo eos de angelico casu abstraheres, qui se aestimabant illud habere quod non licet sic stare. Unde gaude, filia Sion, quia Deus tibi multos reddit, quos serpens de te abscidere voluit, qui nunc in maiori luce fulgent, quam prius illorum causa fuisset.

Diabolus

Quae es, aut unde venis? Tu amplexata es me, et ego foras eduxi te. Sed nunc in reversione tua confundis me. Ego autem pugna mea deiciam te.

Paenitens anima

Ego omnes vias tuas malas esse cognovi, et ideo fugi a te, modo autem, o illusor, pugno contra te.

Anima illa

Inde tu, o regina humilitas, tuo medicamine adiuva me.

Humilitas ad victoriam

O victoria, quae istum in caelo superasti, curre cum militibus tuis, et omnes ligate Diabolum hunc.

Victoria ad virtutes

O fortissimi et gloriosissimi milites, venite et adiuuate me istum fallacem vincere.

Virtutes

O dulcissima bellatrix in torrente fonte, qui absorbit lupum rapacem. O gloriosa coronata, nos libenter militamus tecum contra illusorem hunc.

Humilitas

Ligate ergo istum, o virtutes praeclarae.

Virtutes

O regina nostra, tibi parebimus et praecepta tua in omnibus adimplebimus.

Victoria

Gaudete, a socii, quia antiquus serpens ligatus est.

Virtutes

Laus tibi Christe, Rex Angelorum.

Castitas

In mente Altissimi, o Satana, caput tuum conculcavi, et in virginea forma dulce miraculum colui, ubi Filius Dei venit in mundum. Unde deiectus es in omnibus spoliis tuis, et nunc gaudeant omnes, qui habitant in caelis, quia venter tuus confusus est.

Diabolus

Tu nescis quid colis, quia venter tuus vacuus est pulchra forma de viro sumpta, ubi transis praeceptum, quod Deus in suavi copula praecepit! Unde nescis quid sis.

Castitas

Quomodo posset me hoc tangere, quod tua suggestio polluit per immundiciam incestus! Unum virum protuli, qui genus humanum ad se congregat contra te per nativitatem suam.

Virtutes

O deus, quis es tu, qui in temetipso hoc magnum consilium habuisti, quod destruxit infernalem haustum in publicanis et peccatoribus, qui nunc lucent in superna bonitate! Unde, o Rex, laus sit tibi.

Virtutes

O Pater omnipotens, ex te fluit fons in igneo amore, perduc filios tuos in rectum ventum velorum aquarum, ita ut et nos eos hoc modo perducamus in caelestem Jerusalem.

In principio omnes creature viruerunt, in medio flores floruerunt, postea viriditas descendit, et istud vir preliator vidit et dixit: Hoc scio, sed aureus numerus nondum est plenus. Tu ergo, Paternum speculum, aspice, in corpore meo fatigationem sustineo, parvuli etiam mei deficiunt. Nunc memor esto, quod plenitudo, quae in primo facta est, arescere non debuit, et tunc te habuisti, quod oculus tuus numquam cederet, usque dum corpus meum videres plenum gemmarum. Nam me fatigat, quod omnia membra mea in irrisionem vadunt. Pater, vide, vulnera mea tibi ostendo.

Ergo nunc, omnes homines, genua vestra ad Patrem vestrum flectite, ut vobis manum suam porrigat.

4 Tradução

O Coro das Virtudes

Inicia o Coro das Virtudes

Prólogo

Patriarcas e Profetas

Quem são elas que são como nuvens?²

Virtudes

Ó Santos antepassados, o que admirais em nós? O Verbo de Deus brilha em forma humana e por isso resplandecemos com Ele, edificando os membros de seu belo corpo.

Patriarcas e Profetas

Nós somos as raízes e vós os ramos, frutos do olho vivente, e fomos dele a sombra.

Primeira cena

Lamento das almas encarnadas

Ó, nós somos peregrinas! O que fizemos, nos desviando para o pecado? Devíamos ser filhas do Rei, mas à sombra do pecado caímos. Ó sol vivente, leva-nos em teus ombros rumo à justíssima herança que em Adão perdemos! Ó Rei dos reis, em tua batalha lutamos.

Alma feliz

Ó doce divindade, ó vida suave na qual portarei veste resplandecente e receberei o que perdi em meu primeiro ofício, por ti suspiro e todas as Virtudes invoco.

² Referência a Isafas 60, 8: “Quem são esses que voam como nuvens e como pombas ao pombal?”. Cf. A BÍBLIA do Peregrino (2011).

Virtudes

Ó alma feliz, ó doce criatura de Deus que foste edificada na profunda altitude da sabedoria divina, muito amas.

Alma feliz

Ó, com prazer irei até vós para que me ofereçais o beijo do coração.³

Virtudes

Devemos militar contigo, ó filha do Rei.

Mas, pesarosa, a alma lamenta

Ó grave trabalho, ó grave peso que tenho nas vestes desta vida, demasiado duro é para mim contra a carne lutar.

As Virtudes para aquela alma

Ó alma construída na vontade de Deus, ó feliz instrumento, por que és tão fraca contra isto, que Deus empregou⁴ na natureza virginal? Tu deves em nós superar o diabo.

Aquela alma

Socorram-me, ajudem-me, para que eu possa estar de pé!

Ciência de Deus para aquela alma

Vê o que seja esse algo com o que estás vestida, filha da salvação, e mantém-te firme, e nunca cairás.

A alma, infeliz

Não sei o que fazer ou para onde fugir, ai de mim! Não posso perfazer a veste com a qual estou. Certamente, quero abandoná-la!

Virtudes

Ó consciência infeliz, ó alma miserável, por que escondes tua face na presença do teu Criador?

³ Conferir nota 8.

⁴ No sentido de “empregar totalmente” para a construção de uma natureza pura e incorrupta.

Ciência de Deus

Não conheces, não vês, nem saboreias Aquele que te constituiu.

Aquela alma

Deus criou o mundo: não quero a Ele injuriar, mas quero dEle fruir.

Rumor do diabo àquela alma

Tola, tola! O que ganhas em te esforçar? Olha para o mundo, e ele te abraçará com grande honra.⁵

Virtudes

É essa a voz que geme a máxima dor! Ah, ah! Uma admirável vitória surgiu de um admirável desejo por Deus no qual o prazer da carne secretamente se escondeu! (ai!, ai) Onde a vontade não conheceu o crime, e onde o desejo do homem fugiu da lascívia! Chora, chora por isso, Inocência, que pelo adequado pudor não perdeste a inteireza, e que, então, não tragaste o ávido apetite da antiga serpente.

Diabo

Que Poder é esse, que nada exista exceto Deus? Mas eu digo: a quem me quiser e minha vontade seguir, tudo darei. Tu, na verdade, aos teus seguidores nada tens que possas dar, pois todas vós desconheceis quem sois.

Humildade

Eu e minhas companheiras bem sabemos que és o antigo dragão que quiseste sobre o mais alto voar, mas o próprio Deus no abismo te lançou.

⁵ Vale lembrar que as falas do Diabo não são acompanhadas de música no original. Para Hildegard, a música representa a harmonia celeste, reproduz o estado de harmonia perfeita de que gozava Adão antes da queda e para os seres humanos decaídos, apresenta uma ideia do estado de perfeição sendo também o instrumento pelo qual ele pode louvar seu criador (BINGEN, 1999, p. 47). Assim, o Diabo, afastado dessa harmonia celeste, desconhece o que seja a música, é uma *plagens vox*, aparece sempre acompanhado de um *strepitus*.

Virtudes

Todas nós habitamos as alturas.

Segunda cena

Humildade

Eu, a Humildade, rainha das Virtudes, digo: vinde a mim, Virtudes, e eu vos alimentarei para que encontrem a dracma perdida⁶ e para coroar quem é feliz em perseverar.

Virtudes

Ó gloriosa rainha, ó suavíssima mediadora, com prazer vimos a ti.

Humildade

Por isso, diletíssimas filhas, vos reservo o tálamo real.⁷

Caridade

Eu, Caridade, flor amável, digo: vinde a mim, Virtudes, eu vos conduzirei à cândida luz do rebento em flor.

Virtudes

Ó diletíssima flor, com desejo ardente corremos a ti.

Temor de Deus

Eu, Temor de Deus, vos preparo, felicíssimas filhas, para que fixeis os olhos no Deus vivo e não pereçais.

Virtudes

Ó Temor de Deus, certamente és útil para nós: temos perfeito zelo e nunca iremos nos separar de ti.

⁶ Referência a Lc 15, 8-10.

⁷ Conferir nota 8.

Diabo

Bravo! Bravo! A quem tanto temor? E a quem tanto amor? Onde está o lutador? Onde está o remunerador? Vós não sabeis quem adorais.

Virtudes

Tu estás aterrado pela Suma Justiça, já que inflado de soberba és lançado à Geena.

Obediência

Eu sou a luminosa Obediência, vinde a mim, belíssimas filhas, e eu vos reconduzirei à pátria e ao beijo do Rei.⁸

Virtudes

Ó dulcíssima suplicante, nos convém com grande zelo te alcançar.

⁸ A segunda cena do drama como um todo apresenta uma grande intertextualidade com o livro bíblico do *Cântico dos Cânticos*, que suscitou uma grande tradição de leitura desde os padres da Igreja – podemos lembrar aqui o comentário que Orígenes faz ao livro, ainda no século III – e que influenciou várias obras medievais sobre a castidade e a virgindade, como o caso de *Speculum virginum*, obra beneditina destinada à educação das freiras e que pode, inclusive, ter sido fonte para vários escritos de Hildegard. Não é difícil entendermos a relação de *Ordo Virtutum* com o livro do *Cântico dos Cânticos*: as Virtudes estão em profunda relação com Cristo, edificam seu corpo místico. Se o *Cântico dos Cânticos* foi interpretado como a celebração das bodas de Cristo e sua Igreja, nada mais natural do que encontrarmos na boca das Virtudes expressões que invocam essa união amorosa. Dessa forma, são invocadas imagens nupciais em todo o drama: a Humildade conduzirá as Virtudes, suas diletíssimas filhas, ao *tálamo real*, no qual já se encontra justamente a Castidade que *arde nos abraços do Rei*, e é por Ele continuamente iluminada de modo que jamais conhecerá a mortalidade; as Virtudes em coro correm à Caridade com *desejo ardente*; a Obediência promete levar suas companheiras ao *beijo do Rei*; a Fé mostrará a suas companheiras a *fonte que brota*; a Disciplina se encontra adornada para as *núpcias reais*. Hildegard utiliza adjetivos como *dulcis, suavis, pulcher*, evoca imagens da natureza (*flos amabilis, fontem salientem, candidis lillis*), e termos que indicam a expressão física do amor próprio de amantes (*amatrix, amplexibus, ardenti Desiderio*), uma linguagem que se encaixa perfeitamente na utilizada no livro bíblico. A imagem do *osculum Regis*, aliás, ressoa o primeiro verso do *Cântico dos Cânticos*: *Osculetur me osculo oris sui!*

Fé

Eu sou a Fé, espelho da vida: vinde a mim, veneráveis filhas, e vos mostrarei a fonte que brota.

Virtudes

Ó serena, observadora, temos fé de alcançar a verdadeira fonte através de ti.

Esperança

Eu sou o doce conspecto do olho vivente, a quem o falaz torpor não engana – donde vós, ó trevas, não podeis me cobrir.

Virtudes

Ó vida vivificante, ó consoladora suave, tu vences o mortal da morte e, com olho vidente, abres a clausura do céu.

Castidade

Ó virgindade, no tálamo real estás. Ó, quão docemente ardes nos abraços do Rei! Enquanto o sol te ilumina tua nobre flor não cairá. Ó virgem nobre, a sombra nunca te encontrará em decadente flor.

Virtudes

A flor do campo cai com o vento, a chuva a espalha. Ó virgindade, tu permaneces na sinfonia dos habitantes celestiais, donde és suave flor que nunca secará.

Inocência

Fugi, ovelhas, das imundícias do Diabo!

Virtudes

Socorridas por ti, delas fugiremos.

Desprezo do Mundo

Eu, Desprezo do Mundo, sou o candor da vida. Ó mísera peregrinação nesta terra em muitos sofrimentos, a ti renuncio. Ó Virtudes, vinde a mim, ascendamos à fonte da vida!

Virtudes

Ó senhora gloriosa, tu sempre manténs os certames de Cristo. Ó grande virtude, que tens o mundo sob teus pés, tu habitas vitoriosamente os céus.

Amor Celestial

Sou a porta dourada que está firme nos céus: quem por mim passa nunca provará em sua mente amarga petulância.

Virtudes

Ó filha do rei, entre os abraços que põe o mundo em fuga, tu sempre estás. Ó quão suave é teu amor junto ao Deus altíssimo!

Disciplina

Eu sou a amante dos simples costumes, que obras torpes desconhecem; sempre contemplo o Rei dos reis e a Ele abraço com altíssima honra.

Virtudes

Ó angélica amiga, vivamente ornada tu estás para as núpcias reais.

Modéstia

Eu obscureço, e espanto, e calco todas as imundícias do Diabo.

Virtudes

Tu estás na edificação da Jerusalém celeste, florescendo em cândidos lírios.

Misericórdia

Ó quão amarga é a dureza que não morre na mente, misericordiosamente socorrendo na dor! Eu, contudo, quero oferecer minha mão a todos os que sofrem.

Virtudes

Ó mãe louvável dos peregrinos, tu sempre os levantas e unges os pobres e débeis.

Vitória

Eu sou a Vitória, forte e veloz lutadora – luto com uma pedra e a antiga serpente tenho sob meus pés.

Virtudes

Ó dulcíssima guerreira, que na fonte torrencial devorou o lobo voraz, ó coroada gloriosa, combatemos contigo, desejosas, este enganador.

Discrição

Eu, Discrição, sou luz e administradora de todas as criaturas, com diferença de Deus,⁹ de quem Adão fugiu pela lascívia dos seus costumes.

Virtudes

Ó belíssima mãe, quão doce e quão suave és, porque, em ti, ninguém é confundido.

Paciência

Eu sou a coluna que não pode desmoronar, pois em Deus está meu fundamento.

Virtudes

Ó tu que permaneces firme na caverna de pedra, ó gloriosa guerreira que a tudo suporta.

Humildade

Ó filhas de Israel, sob a árvore, Deus vos ergueu; por isso, neste momento, vós recordais sua plantação. Alegrai-vos, pois, filhas de Sião!

Terceira cena

Virtudes

Ah, ah, nós, Virtudes, gememos e choramos, porque a ovelha do Senhor fugiu da vida.

⁹ A expressão do original “in differentia Dei”, nos pareceu aqui um tanto obscura.

Lamento da alma penitente invocando as Virtudes

Ó vós, Virtudes reais, quão esplêndidas e quão fulgentes sois no mais alto sol, e quão doce é vossa morada. Ai de mim, portanto, que de vós fugi!

Virtudes

Ó fugitiva, venha, venha a nós, e Deus te sustentará.

Aquela alma

Ah, ah! O prazer ardente me devorou no pecado, por isso não ousou entrar.

Virtudes

Não temas, nem fujas, que o bom Pastor busca em ti sua ovelha perdida.

Aquela alma

Agora é necessário que me sustenteis, porque fedem as feridas com que a antiga serpente me contaminou.

Virtudes

Corra até nós e siga aqueles nossos passos, nos quais, em nossa companhia, nunca cairás, e Deus te curará.

Alma penitente às Virtudes

Eu, pecadora, que fugi da vida: cheia de feridas, venho a vós para que me ofereçais o escudo da redenção. Ó tu, toda milícia da rainha, ó vós, dela os cândidos lírios com púrpura rosa, inclinai-vos para mim, que, peregrina, me exilei de vós, e ajudai-me para que no sangue do Filho de Deus eu possa me levantar.

Virtudes

Ó alma fugitiva, sê forte e te cubra com as armas da luz.

Aquela alma

Ó verdadeiro remédio, Humildade, estende para mim teu auxílio, pois a soberba com muitos vícios me feriu, impondo-me muitas cicatrizes, agora fujo para ti, portanto me aceita.

Humildade

Ó virtudes todas, recebei, pelas chagas de Cristo, a lugente pecadora em suas cicatrizes, e conduzi-a a mim.

Virtudes

Queremos te reconduzir e não queremos te abandonar, e toda a milícia celeste se alegra por ti. Eis que nos convém soar em sinfonia.

Humildade

Ó pobre filha, quero abraçar-te porque o grande médico por ti sofreu duras e amargas feridas.

Virtudes

Ó fonte vivificante, quão grande é tua suavidade! Em ti não abandonaste o rosto daqueles, mas agudamente previste como os afastaria da queda dos anjos, soberbos de possuir aquilo que não é permitido permanecer dessa forma. Por isso alegra-te, filha de Sião, porque Deus devolve a ti muitos que a serpente quis separar de ti, que agora resplandecem em uma luz mais forte do que aquela que, antes, foi deles a causa.

Quarta cena

Diabo

Quem és e donde vens? Tu estás abraçada a mim e eu para fora te levei. Tua conversão agora me confunde. Mas eu com minha luta te derrubarei.

Alma penitente

Eu reconheci serem más todas as tuas vias, e por isso fugi de ti. Agora, portanto, ó impostor, luto contra ti.

Aquela alma

Por isso tu, ó rainha Humildade, com teu remédio ajuda-me.

Humildade à Vitória

Ó Vitória, tu que já o superastes no céu, corre agora com teus soldados, e juntos atai este Diabo.

Vitória às Virtudes

Ó fortíssimos e gloriosos soldados, vinde e ajudai-me a vencer este mentiroso.

Virtudes

Ó dulcíssima guerreira, que na fonte torrencial devorou o lobo voraz, ó coroada gloriosa, combatemos contigo, desejosas, este enganador.

Humildade

Atai-o, pois, ó virtudes preclaras.

Virtudes

Ó rainha nossa, a ti obedeceremos e teus preceitos, na totalidade, cumpriremos.

Vitória

Alegrai-vos, ó companheiras, que a antiga serpente está presa.

Virtudes

Glória a ti, ó Cristo, Rei dos Anjos.

Castidade

Na mente do Altíssimo, Satanás, tua cabeça esmaguei, e em virgínea forma, quando ao mundo veio o Filho de Deus, um doce milagre habitei. Por isso fostes derrubado em todos teus espólios e agora todos que habitam os céus se alegram que teu ventre foi confundido.

Diabo

Tu não sabes o que veneras, porque teu ventre está vazio da bela forma recebida de um varão. Nisso, transgredes o preceito que Deus ordenou para a cópula gratificante! Por isso não sabes o que sejas.

Castidade

De que modo pode me tocar o que tua sugestão poluiu pela imundície da impureza? Um único homem produzi que para si congrega o gênero humano, por meio de seu nascimento, contra ti.

Virtudes

Ó Deus, que em ti mesmo firmaste este magno plano, que destruiu o sopro infernal nos publicanos e pecadores, que agora refulgem na suprema bondade! Por isso, ó Rei, glórias a ti sejam dadas!

Ó Pai onipotente, de ti flui uma fonte de ardente amor! Teus filhos conduz para o vento favorável às velas de suas águas, para que, então, dessa forma nós os conduzamos para a Jerusalém Celeste.

Epílogo

No princípio todas as criaturas verdejaram, em seu meio as flores floresceram, depois o verdor caiu, e isso o varão combatente viu e disse: “Isto eu conheço, mas o número áureo não está pleno. Tu então, espelho do Pai, olha: suporte em meu corpo a fadiga, meus pequeninos também desfalecem. Agora recorda que a plenitude, que se fez no princípio não deve secar, e então tiveste para ti, que o teu olho nunca morresse, enquanto não visses meu corpo cheio de pedras preciosas. Por outro lado me cansa que todos os meus membros caminhem para a irrisão. Vede Pai: a ti apresento minhas feridas”.

Eis agora, homens todos, dobrai vossos joelhos para o vosso Pai, para que estenda sua mão a vós.

Referências

A BÍBLIA do Peregrino. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BINGEN. *O desfile das Virtudes: Ordo Virtutum*. Tradução de Xosé Carlos Santos Paz. Universidad de Coruña: Biblioteca – Arquivo Teatral Francisco Pillado Mayor, 1999.

BINGEN, Hildegard von. *Lieder*. Nach den handschriften herausgegeben von Pudentiana Barth OSB/ M. Immaculata Ritscher OSB und Joseph Schmidt-Görg. Salzburg: Otto Muller Verlag, 1969.

DRONKE, Peter. *Nine Medieval Latin Plays*. New York: Cambridge, 1994.

FUENTES, Bardelli I.; ORTÚZAR Escudero M. Música e Historia en Hildegard von Bingen. *Revista Chilena de Literatura*, Santiago, Chile, n. 62, p. 145-163, 2003.

PERNOUD, Régine. *Hildegard de Bingen: a consciência inspirada do século XII*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

Recebido em: 21 de novembro de 2020.

Aprovado em: 1 de dezembro de 2020.